



Nas bancas

Pesquisa aponta alto consumo de álcool e tabaco entre crianças do Brasil e Espanha

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Estudo realizado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), em conjunto com a Universidade Complutense de Madrid, na Espanha, revela alto índice de consumo de álcool e tabaco entre crianças espanholas e brasileiras, mais precisamente na faixa etária dos 11 anos. Pelos resultados, 74,4% dos alunos espanhóis e 43,8% dos brasileiros já ingeriram bebidas alcoólicas. Quando o assunto é o consumo de tabaco, este percentual cai para 21,9% na Espanha e 12,7% na amostra brasileira. Os dados, segundo a autora da pesquisa no Brasil, a professora da FCM Kátia Stancato, demonstram a existência de uma percepção de menor perigo, assim como uma maior tolerância social, em relação ao álcool do que ao tabaco. A docente alerta, porém, para a gravidade do problema do uso indiscriminado em ambos os casos, já que são drogas consideradas lícitas, cujo consumo é liberado.

“A expectativa é que esses números possam orientar ações de conscientização e educação permanente de pais, alunos, professores e comunidade para um dos mais graves problemas de saúde pública: o consumo de álcool e tabaco cada vez mais frequente em idades precoces. Por isso, este primeiro estudo comparativo de crianças de culturas distintas, além da formulação de um perfil dos padrões de consumo, proporciona informações relevantes que podem subsidiar formuladores de programas de prevenção”, destaca.

A professora salienta ainda que o consumo irresponsável e inadequado das drogas legais tem aumentado nos últimos anos, mas muito pouco se



Kátia Stancato (à esq.), uma das coordenadoras do levantamento, e a aluna Ana Carolina Gaban: números podem orientar ações de conscientização e de programas de prevenção

sabe sobre a problemática no público infantil. “É fundamental obter informações objetivas e sistemáticas sobre a situação, assim como identificar os fatores de risco que levam ao consumo e os fatores de proteção que dificultam o seu início e abuso”.

O inquérito multicêntrico com amostragem internacional envolveu a aplicação de questionário entre 1.012 crianças, na faixa etária de 10 a 12 anos, da Espanha e do Brasil, frequentadoras de escolas públicas e privadas de ensino fundamental. No Brasil, a pesquisa foi feita em 2008

em 16 escolas de Campinas, mas com uma amostra inferior ao levantamento realizado na Espanha, em razão de problemas burocráticos. Enquanto a amostragem espanhola foi de 720 crianças, as brasileiras somaram 292. “Estava prevista a participação de 750 crianças brasileiras, mas devido à diferença dos calendários letivos dos países e o atraso nas autorizações legais para a aplicação dos questionários, não foi possível completar a amostra”, explica Kátia.

Denominado “Fatores de risco e fatores de proteção relacionados com o âmbito escolar: sua incidência no

consumo de álcool e tabaco em alunos de 11 anos de idade, brasileiros e espanhóis”, o estudo foi realizado sob a coordenação da professora María Pérez Solís, da Universidade Complutense, a partir do programa de cátedras mantido pelas duas universidades.

No primeiro semestre de 2007, María Pérez Solís esteve na Unicamp, enquanto Kátia Stancato passou quatro meses em Madrid, no segundo semestre do mesmo ano. A professora María Pérez Solís desenvolveu parte da pesquisa com a colaboração do psicólogo espanhol Isaac Garrido Gutiérrez. No

Brasil, Kátia contou com a participação das psicólogas Caroline Conceição Bispo e Alexandra Luciana Licco, da aluna do terceiro ano de Enfermagem Ana Carolina Gaban, e da funcionária da Reitoria Eliene Barros.

Influência dos pais

Uma porcentagem elevada de pais e de mães consome bebidas alcoólicas, o que poderia indicar um modelo de conduta por parte dos filhos. Entre os espanhóis, 78,5% dos pais e 58,8% das mães fazem uso do álcool, enquanto no público brasileiro, as mães é que consomem mais bebidas alcoólicas. Elas somam 58,8% e os pais, 49%.

Nos resultados brasileiros existe ainda um fator a ser destacado: 36,6% dos entrevistados declararam já ter presenciado a mãe embriagada e, em 11,6%, o pai é quem foi visto alcoolizado, diferentemente dos dados espanhóis, cujo índice foi insignificante neste aspecto. Já a maioria dos participantes espanhóis e brasileiros obteve a bebida em bares, lugares de diversão e em supermercados. Os participantes de ambos os países assinalam como principais motivos para a ingestão de álcool “uma forma de celebração” e “esquecer problemas”.

As circunstâncias em que se dá o consumo das drogas legais também foi alvo de investigação das pesquisadoras. Segundo o relatório, as festas de Natal e Ano Novo, casamentos e batizados são as principais datas em que o consumo das drogas é mais ostensivo. “O estudo descritivo evidenciou que as circunstâncias em que se produz o consumo de bebidas alcoólicas e de tabaco, fundamentalmente, são as festas de Natal e Ano Novo, como se as datas fossem um ritual de iniciação”, destaca trecho das conclusões do relatório.

Testes avaliam evolução clínica de pacientes com leucemia linfóide

Pesquisa apresentada na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e desenvolvido no Centro Infantil Boldrini pela bióloga Mônica Aparecida Ganazza, sinaliza para a diminuição das chances de recaída pós-tratamento do paciente com leucemia linfóide aguda, um dos cânceres mais comuns na infância. A doença manifesta-se na medula óssea. Baseado em técnicas de biologia molecular, o estudo demonstrou a importância de se utilizar como critério para se avaliar a evolução clínica do paciente aquilo que os especialistas chamam de doença residual mínima ou DRM.

A DRM, explica Mônica, é tida como positiva quando o indivíduo, uma vez diagnosticado e após ter passado pelo primeiro estágio do tratamento por 28 dias, denominado de indução de remissão, ainda apresenta número substancial de células leucêmicas, as quais são ‘invisíveis’ nas análises rotineiras ao microscópio óptico. Este paciente, segundo estimativas, apresenta maior risco de recaída no quadro da doença. Pelo estudo realizado com crianças e adolescentes do Centro Infantil Boldrini, orientado pelo professor José Andrés Yunes, fica evidente a importância de se aliar tanto as técnicas de análises morfológicas como também a de DRM para se alcançar uma avaliação mais precisa e eficiente.

Mônica conseguiu dimensionar



A bióloga Mônica Aparecida Ganazza: “É importante incluir a avaliação da DRM nos protocolos de tratamento”

esta questão a partir de 91 amostras de células leucêmicas colhidas em dois momentos do tratamento de indução de remissão, no 14º e 28º dia. A primeira

avaliação, ou seja, no 14º dia, de 63 pacientes, tidos como em remissão citológica, 16 ainda apresentavam células leucêmicas segundo o teste de

DRM. Já os resultados do 28º dia de tratamento indicaram que, das 67 crianças, também consideradas em remissão citológica, 13 ainda apresentavam

níveis de até 1% de células leucêmicas.

“Em resumo, pacientes que foram classificados como em remissão citológica pela análise morfológica ainda tinham a doença. O ideal é que estes pacientes sejam realocados nos grupos de maior risco de recaída, prosseguindo o tratamento, que usualmente consiste nas etapas de consolidação e manutenção, com uma quimioterapia mais intensa. Por isso, a importância de se incluir a avaliação da DRM nos protocolos de tratamento”, defende Mônica. Os testes conduzidos pela bióloga envolveram diferentes métodos de análise de marcadores moleculares, o que permitiu definir uma técnica simplificada, de baixo custo e bastante adequada para análise da DRM nos diferentes centros de tratamento.

A leucemia linfóide aguda afeta as células precursoras dos linfócitos, responsáveis pela defesa imunológica do organismo. Os atuais protocolos de tratamento são responsáveis por excelentes chances de cura do paciente, atualmente considerada em torno de 70% a 80%. A adoção da DRM contribui com o aperfeiçoamento da classificação dos pacientes nos diferentes grupos de risco, de modo que cada qual receba o tratamento mais adequado, sendo mais intenso nos casos de maior risco de recaída, e mais branda para os demais. Isto diminui riscos de sequelas eventualmente causadas pelos quimioterápicos. (R.C.S.)